

MARCELO MÁXIMO PURIFI CAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
(ORGANIZADORES)



TEOLOGIA
E CIÊNCIA DA RELIGIÃO:
AGENDA PARA DISCUSSÃO

Atena
Editora
Ano 2019

MARCELO MÁXIMO PURIFI CAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
(ORGANIZADORES)



TEOLOGIA
E CIÊNCIA DA RELIGIÃO:
AGENDA PARA DISCUSSÃO


Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
T314	<p>Teologia e ciência da religião [recurso eletrônico] : agenda para discussão / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-845-8 DOI 10.22533/at.ed.458191912</p> <p>1. Religião. 2. Sociologia. 3. Teologia. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Catarino, Elisângela Maura.</p> <p style="text-align: right;">CDD 200.71</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A contemporaneidade marcada pela diversidade e a globalidade das culturas nos propõem discussões e relações dialógicas, com várias ciências, vários setores da sociedade. No contexto histórico, percebe-se que Teologia e Ciências da Religião, nem sempre tiveram relação harmoniosa, no entanto, não é finalidade desta obra estabelecer a linha epistemológica dessas duas áreas. Porém, como os diálogos aqui organizados direcionam-se para o campo acadêmico – resultados de estudos e investigações -, percebe-se, nessa situação, que tanto a Teologia quanto a Ciências da Religião, possuem em comum a função de regular o pensamento crítico.

O livro “Teologia e Ciências Da Religião: Agenda para Discussão” é uma obra estruturada no viés da religiosidade que traz 18 artigos, organizados em dois blocos, ambos, marcados pela pluralidade dos diálogos produzidos em contextos distintos do nosso país, que apresentam a perspectiva de autores que transitam muito bem pelas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Nesta obra o leitor encontrará temas múltiplos, vistos pela lupa da religiosidade, cujos vieses perpassam pela perspectiva do pensamento da Teologia e/ou da Ciências da Religião, tais como: Teologia Contemporânea; Formação Teológica; Atualidade do Espiritismo; Ecumenismo; Religiosidade Contemporânea; Relação Natureza e Religião; A Palavra de Deus na Liturgia entre outros.

Desse modo, apresentamos esta obra como uma opção de leitura dinâmica e diversa, com perspectiva de relevante diálogo com o contexto Teológico e com as Ciências da Religião nas interfaces com Ciências Humanas e Sociais.

Boa Leitura!

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino

PARTE I – INTERFACES COM A TEOLOGIA

CAPÍTULO 1	1
A LAUDATO SI' E A TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA: REVIDE DE UMA ECO-TEOLOGIA ANCESTRAL	
Harethon Silveira Domingos	
DOI 10.22533/at.ed.4581919121	
CAPÍTULO 2	7
A IMPORTÂNCIA DA “INTELIGÊNCIA SENCIENTE”, DE XAVIER ZUBIRI, PARA A APREENSÃO DA REALIDADE LITÚRGICA	
Álvaro Moreira Gonçalves Fernando Benetti	
DOI 10.22533/at.ed.4581919122	
CAPÍTULO 3	18
FORMAÇÃO TEOLÓGICA PARA LEIGOS: ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO	
Omundsen de Melo Costa Junio	
DOI 10.22533/at.ed.4581919123	
CAPÍTULO 4	30
MEDELLÍN E A “REVELAÇÃO ESCANDALOSA DE DEUS”, SEGUNDO A CRISTOLOGIA DE J. SOBRINO	
Matheus da Silva Bernardes	
DOI 10.22533/at.ed.4581919124	
CAPÍTULO 5	38
A ESCUTA DA PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EM TEMPOS BARULHO	
Ademilson Tadeu Quirino	
DOI 10.22533/at.ed.4581919125	
CAPÍTULO 6	44
DO DEUS CRUCIFICADO AO POVO CRUCIFICADO: A “THEOLOGIA CRUCIS” NA CRISTOLOGIA DE JON SOBRINO	
Eugenio Rivas	
DOI 10.22533/at.ed.4581919126	
CAPÍTULO 7	52
NIILISMO E RELIGIÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O NIILISMO SOB A ÓTICA NIETZSCHIANA	
Eduardo Marcos Silva de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4581919127	

CAPÍTULO 8	61
UM ESTRANHO INCÔMODO À NOSSA PORTA: JESUS, UM PROFETA FRONTEIRIÇO	
Raphael Colvara Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.4581919128	
CAPÍTULO 9	71
ATUALIDADE DO ESPIRITISMO COMO RELIGIÃO	
Flávio Rey de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.4581919129	
PARTE II – INTERFACES COM A CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	
CAPÍTULO 10	79
A “QUESTÃO RELIGIOSA” NA MANCHESTER MINEIRA: AS DIVERGÊNCIAS ENTRE A IGREJA CATÓLICA E A MAÇONARIA ENTRE FINS DO SÉCULO XIX E PRINCÍPIOS DO SÉCULO XX NA CIDADE DE JUIZ DE FORA	
Rafael de Souza Bertante	
DOI 10.22533/at.ed.45819191210	
CAPÍTULO 11	93
O ECUMENISMO : ANÁLISE A PARTIR DO PENSAMENTO DE ELIAS WOLFF	
Joel Haroldo Baade Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.45819191211	
CAPÍTULO 12	106
O TERRENO BENDITO DO PRÓXIMO: A ARRISCADA PERIPÉCIA NA ABERTURA DIALOGAL COM O PRÓXIMO	
Antonio Carlos Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.45819191212	
CAPÍTULO 13	118
SEM INTERAÇÃO COM A VIDA E A NATUREZA NÃO HÁ RELIGIÃO: MUDANÇAS ESPACIAIS, TEMPORAIS, HUMANAS E A GAMIFICAÇÃO	
Giuliano Martins Massi	
DOI 10.22533/at.ed.45819191213	
CAPÍTULO 14	131
SUSTENTABILIDADE COMO EIXO INTEGRADOR DA EDUCAÇÃO	
Evaldo Apolinário	
DOI 10.22533/at.ed.45819191214	
CAPÍTULO 15	137
EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO RECONHECIMENTO DAS DIFERENÇAS	
Elivaldo Serrao Custodio	
DOI 10.22533/at.ed.45819191215	

CAPÍTULO 16	153
ELEMENTOS TEXTUAIS NO RELATO DA CURA DA MULHER ENCURVADA	
Rivadavio de Barros Gico Junior	
DOI 10.22533/at.ed.45819191216	
CAPÍTULO 17	166
RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE EM PESSOAS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA	
Clarissa Mourão Pinho	
Eduardo Tavares Gomes	
César de Andrade de Lima	
Ana Catarina de Melo Araújo	
Sara Larissa de Melo Araújo	
Evelyn Maria Braga Quirino	
Morgana Cristina Lêoncio de Lima	
Mônica Alice Santos da Silva	
Cynthia Angelica Ramos de Oliveira Dourado	
Simone Andrade Gonçalves de Oliveira	
Maria Sandra Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.45819191217	
CAPÍTULO 18	182
OS CENÁRIOS DA RELIGIOSIDADE CONTEMPORÂNEA	
Celso Gabatz	
DOI 10.22533/at.ed.45819191218	
SOBRE OS ORGANIZADORES	194
ÍNDICE REMISSIVO	195

OS CENÁRIOS DA RELIGIOSIDADE CONTEMPORÂNEA

Data de aceite: 18/11/2019

Celso Gabatz

Pós-Doutorando (PNPD CAPES)
Faculdades EST, São Leopoldo-RS

RESUMO: A emergência da sociedade global abriu o caminho para múltiplas escolhas e pertencimentos religiosos. O esforço das instituições tradicionais para assegurar uma identidade uniforme contraria uma tendência sincrética que busca o intercâmbio entre símbolos de diversos sistemas religiosos. A religião na sociedade contemporânea se consolida a partir das transformações que emergem dos processos estruturais no âmbito da cultura, da economia, do conhecimento, do aparato de significados e de símbolos que orientam e determinam a ação humana. Esta abordagem busca enfatizar, portanto, que a pluralidade e a fragmentação religiosa são frutos da própria dinâmica social. A crise dos arranjos conceituais da religião demanda novas metodologias e tipologias que ultrapassem os saberes constituídos no decorrer da história.

PALAVRAS-CHAVE: Identidades. Pluralidade. Secularização.

ABSTRACT: The emergence of global society opened the way for multiple elections and religious belongings. The effort of traditional institutions to ensure a uniform identity contradicts a syncretic tendency that seeks exchange between symbols of various religious systems. Religion in contemporary society is consolidated from the transformations that emerge from structural processes in the field of culture, economy, knowledge, the apparatus of meanings and symbols that guide and determine human action. This approach seeks to emphasize, therefore, that plurality and religious fragmentation are the fruits of social dynamics itself. The crisis of the conceptual arrangements of religion demands new methodologies and typologies that go beyond the knowledge constituted throughout history.

KEYWORDS: Identities. Plurality. Secularization.

1 | INTRODUÇÃO

O mundo em que se vive nos dias atuais “é um mundo carregado e perigoso” (GIDDENS, 1991, p. 15). Não é um equívoco constatar que as velhas identidades estão em declínio, e, em decorrência, surgem novas possibilidades que tendem a fragmentar a ideia que os indivíduos possuem de si mesmos, abalando quadros de referência que supunham uma ancoragem

mais estável no mundo social. Trata-se de identidades descentradas, deslocadas ou fragmentadas, entrando em colapso, instaurando crises (EAGLETON, 2016). As mudanças engendradas pela ordem capitalista acabaram influenciando na onda gigante que rompeu fronteiras e forçou a dispersão (FEATHERSTONE, 1999).

O que passou a ser chamado de progresso reduziu tempo e espaço, ultrapassando fronteiras, ampliando mercados e alterando muitos hábitos e costumes, e, de certo modo, homogeneizando, em nome de uma política de mercado, desejos e vontades (BHABHA, 2013). A sociedade apresenta como manifestação bastante específica deste modelo de desenvolvimento um reiterado compromisso com o novo. A necessidade de novas descobertas, ofertas e aquisições, traduzem uma constante mobilidade, dinamicidade e progressiva alternância de hábitos e costumes (DUFOUR, 2008).

A lógica de busca por identidade supõe que os indivíduos partilham de uma mesma constituição e elaboram, teoricamente, o seu entendimento com base nas propriedades do mundo externo (CASTORIADIS, 1982, p. 267-277). As significações imaginárias da sociedade penetram na vida social e encarnam em instituições particulares conferindo sentido e dinamicidade. Estas instituições e significações garantem uma perspectiva de coesão (HALBWACHS, 1990). Exemplos desta prerrogativa podem ser descortinados no âmbito da linguagem, do poder, da religião, do Estado, dos partidos políticos, ou então das mercadorias, do dinheiro, dos tabus, das virtudes.

Trata-se de pensar a questão da sociedade e da história por um caminho que não seja apenas aquele que já foi percorrido pelo pensamento herdado, cuja contribuição não é negada, mas evidenciado como fragmentário. O fato de existir uma pluralidade de formas de organização da vida social demonstra uma plasticidade (CASTORIADIS, 1982, p. 334-336). Conseqüentemente, cada indivíduo é moldado de acordo com a sociedade, com representações específicas que lhe dizem o que é certo e o que é errado dentro daquela realidade. Essa é a condição para que a sociedade possa sobreviver: criar um indivíduo adequado à cultura e que sobreviva à efemeridade da existência individual (TOURAINE; KHOSROKHAVAR, 2004).

As identidades e sociabilidades religiosas contemporâneas vem, pois, apresentando um elevado grau pluralista na expressão do sentimento religioso. Com o pluralismo, é relevante compreender as nuances e peculiaridades que acabam sendo articuladas como mecanismos de sobrevivência, transmissão e difusão de uma vivência religiosa. Mais do que “identidades e sociabilidades religiosas” estamos diante de um emaranhado complexo de “processos religiosos de identidade” (FOLLMANN, 2012, p. 83-89).

Para o antropólogo Gilberto Velho (2003), a fragmentação das sociedades contemporâneas favoreceu o individualismo possibilitando o desenvolvimento de

projetos e trajetórias, num vasto campo de possibilidades, da construção de suas próprias identidades pessoais e sociais. De maneira dialética, e aparentemente contraditória, um imperativo das sociedades modernas seria o processo social nos termos de uma *metamorfose* capaz de combinar o movimento permanente de reconstrução dos projetos pessoais e a constituição de suas identidades.

A normatividade particular da memória religiosa, em conexão com as experiências do presente, inscreve-se na estrutura dos grupos religiosos. Trata-se de uma memória que é transmitida de variadas formas. Dependendo do tipo de poder religioso, que exerce dominação sobre o grupo, essa memória se autolegitima de diferentes maneiras. Diante de uma pluralidade social, a estabilidade e o futuro de toda tradição só sobreviverão numa fidelidade às origens ou numa nova articulação.

2 | OS PROCESSOS DE SECULARIZAÇÃO E INDIVIDUALIZAÇÃO DA FÉ

A secularização multiplica os universos religiosos, de forma que a sua diversidade pode ser vista como interna e estrutural ao processo da modernidade. A secularização e a diversidade religiosa estão associadas diretamente a um mesmo processo histórico, que afirmou os sujeitos individuais e os seus processos de identidade e possibilitou que as sociedades existissem e funcionassem sem precisar estar fundadas sobre ordenamentos religiosos fixos e únicos.

Se o fenômeno da secularização supõe que os diversos âmbitos do direito, das artes, da cultura, da filosofia, da educação, entre outros campos da vida social se baseiam em valores seculares, a saber, não religiosos, ele supõe mais radicalmente a libertação frente à dominação religiosa instituída. As bases explicativas da modernidade revelam uma compreensão de mundo e de indivíduos que contrasta com o universo permeado pelos poderes instituídos dominadores e transcendentais das consciências individuais impregnando as sociedades tradicionais.

Concordamos com a percepção entabulada por Antônio Flávio Pierucci (1997, p. 100-113) quando este afirma que a secularização também se caracteriza pela religião que vai perdendo a sua posição diretiva e tutelar nas diversas esferas da vida social. A religião no mundo moderno perde força e autoridade sobre a vida privada e cotidiana. A secularização, neste sentido, não pode ser confundida com o desencantamento do mundo, segundo a compreensão criada por Max Weber (2005). O desencantamento do mundo sugere uma espécie de “*desmagificação*”, ou seja, a rejeição da magia como elemento de redenção do indivíduo.

A secularização suscita a perda de plausibilidade da religião institucional, a partir de uma visão individualizada do mundo. Na sociedade contemporânea, plural por excelência, a definição da realidade sagrada não é mais perceptível à maioria da população. É um processo que consolidou um arcabouço explicativo das prerrogativas

religiosas da sociedade moderna. Possibilitou explicitar as diferenciações sociais mediante novas conexões de indivíduos e grupos que respondem a demandas originadas de suas inquietações existenciais formuladas mediante novos modelos simbólicos.

A individualização da fé, por sua vez, supõe um processo de formação e constituição social, no qual o indivíduo passa a ser a referência central das ações no mundo social. Paradoxalmente, amplia e limita as possibilidades de ação dos indivíduos, sendo compreendido e experimentado como fardo e como oportunidade.

A individualização vivida na modernidade [...] dissolve as referências da sociedade [...] na medida em que velhas fórmulas de convivência são desagregadas e tradicionais grandes grupos são dispersos. Entretanto, não surge uma sociedade livre de conflitos, humanamente digna, virtuosa e racional, mas uma mistura altamente arriscada composta de novas inseguranças e novas possibilidades, novos riscos e novas chances, novas exigências e novas liberdades [...] caracterizada por ambivalências, contradições e conflitos (WESTPHAL, 2010, p. 432).

O ser humano moderno é essencialmente individualista. O filósofo francês Gilles Lipovetsky (2005, p. 21) destaca que o indivíduo contemporâneo é um ser capaz de viver num estado de indiferença pura e de um narcisismo explícito. Ele argumenta que na era do espetacular, as antinomias duras, o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, o real e o ilusório, o sentido e o não sentido esmaecem, os antagonismos se tornam “flutuantes” e as pessoas começam a compreender que hoje em dia é possível viver sem uma finalidade ou sentido, em sequências instantâneas.

O sujeito individual moderno, em seus processos de identidade, é alguém que busca comandar a sua religiosidade, não mais ficando preso ou sendo dependente das tradições familiares, culturais ou de imposições de ordem moral e teológica. As atuais fronteiras que permeiam o ambiente religioso são extensas e diluídas. As escolhas do indivíduo passam a não mais ser apenas uma questão de fé, mas de vantagens, privilégios, comodismos.

A característica chave de todas as situações pluralistas, quaisquer que sejam os detalhes de seu pano de fundo histórico, é que os antigos monopólios religiosos não podem mais contar com a submissão de suas populações. A submissão é voluntária e, assim, por definição, não é segura. Resulta daí que a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser *colocada no mercado*. Ela tem que ser “vendida” para uma clientela que não está mais obrigada a “comprar”. A situação pluralista é, acima de tudo, uma *situação de mercado*. Nela, as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições religiosas tornam-se comodidades de consumo. E, de qualquer forma, grande parte da atividade religiosa nessa situação vem a ser dominada pela lógica da economia de mercado (BERGER, 2003, p. 149).

Se a individualização da fé favorece, por um lado, os processos religiosos de identidade em nível dos sujeitos individuais, aumentam por outro lado as

dificuldades para a construção de identidades religiosas sociais ou coletivas na contemporaneidade. A figura do indivíduo “espiritualista” passa a ser fomentada. Trata-se de algo difícil de ser circunscrito no plano teórico e teológico, e, portanto, trata-se de num terreno de significações ambíguas que se multiplicam.

De acordo com a percepção do antropólogo Carlos Steil (2008) a religiosidade contemporânea não se encontra ancorada numa subjetividade que se consolida mediante rígidos parâmetros racionais. Acontece uma mescla, uma bricolagem e até combinação aleatória de elementos de universos simbólicos distintos entabulados por certas ressignificações, justaposições e homogeneizações de vivências, gostos e comportamentos.

O futuro aponta para uma sociedade com pluralidade de ofertas religiosas sem que uma instituição detenha o poder simbólico para estabelecer sozinha uma hierarquia sobre as “demais” ou para servir de ancoragem hegemônica no campo religioso.

Está em processo um verdadeiro deslocamento ou uma transformação do religioso. Outras instituições ou instâncias sociais assumem funções das instituições religiosas no campo cultural, principalmente o complexo midiático-cultural, que envolve televisão, internet, cinema, revistas e literatura, esporte, publicidade e moda. Estas instituições, todas do e para o mercado, também produzem símbolos, sentidos, crenças, explicações sobre o real, rituais e mitos, propõem valores, estilos de vida, figuras para a imitação, a fidelidade e mesmo a devoção das pessoas. Este parece ser um traço fundamental da atual constelação. A religião não deve mais ser procurada apenas em igrejas, templos e terreiros, onde ela se tematiza explicitamente, mas também lá onde ela não se chama de religião: no culto ao dinheiro e ao corpo, na eficiência administrativa e empresarial, no encantamento pela técnica e pelo design, no êxtase sonoro ou imagético, no mundo do esporte, das compras e dos astros midiáticos. O religioso se desloca, desborda, extravasa, migra do que era tido tradicionalmente como o “próprio” do religioso: o espaço, o tempo e os modos de sua manifestação (MOREIRA, 2008, p. 72).

A disputa pela legitimação entre diferentes práticas religiosas tende a aumentar na sociedade contemporânea. O indivíduo não é mais cativo, restrito geograficamente ou culturalmente, mas planetário e disputado por inúmeras propostas de sentido. Clifford Geertz (2006, p. 10) assegura que “[...] em nenhum momento, desde a Reforma e o Iluminismo, a luta quanto ao sentido geral das coisas e das crenças [...] foi tão aberta, ampla e aguda”.

Na concepção protagonizada pelo sociólogos Antônio Flávio Pierucci e Reginaldo Prandi (1996, p. 65) “[...] a religião é uma expressão importante de identidade individualizada, de fruição de sentimentos pessoais, de gosto e prazer. Pode ser consumida pela satisfação que é capaz de proporcionar aos indivíduos”. A religião permanece, portanto, como inspiração cultural, talvez a maior fonte de valores e quadros de referência que entram na construção das identidades e da percepção das unidades no campo da interação global (CUPITT, 1999). Ela ajuda

a modelar um sistema de lealdades e identidades, e esse sistema agora está mais complexo e competitivo (CONNOR, 2000).

É importante sublinhar também o que é proposto por Thomas Luckmann (2014). Para ele, a religião se torna invisível na contemporaneidade e se dissemina de forma difusa, fazendo com que suas manifestações extrapolem os limites restritos dos espaços convencionais, deslocando-se para outras áreas da vida humana em sociedade como a política e a mídia. Neste sentido, múltiplas são as possibilidades de expressão sem seguir os contornos demarcados pelas instituições. Forja-se um horizonte de vastas possibilidades onde, de acordo com Paulo Barreira:

Nas sociedades contemporâneas não há mais campo religioso estável, e os compromissos de longa duração deixaram de ser norma. Diversos tipos de opções religiosas e múltiplos produtos religiosos são oferecidos dia a dia nos templos e nos meios de comunicação. Religião exclusiva é coisa do passado. O sagrado apresenta-se multiforme, pouco hegemônico e, sobretudo, em constante movimento (2003, p. 438).

Para retratar um sentido à experiência cotidiana, surge uma necessidade de encontrar meios exteriores que garantam a correspondência às necessidades e aspirações pessoais. Portanto, é antes de tudo uma busca para encontrar os meios necessários à proclamação de um universo de sentido e realização sem a referência de uma tradição fundamentada na autoridade constitutiva de um vínculo social e religioso em termos doutrinários muito fixos.

Na medida em que a sociedade vai sendo transformada, os indivíduos que nela vivem, necessitam lidar com as incertezas decorrentes, em grande medida, pela individualização de suas condutas. O grande desafio epistemológico, portanto, concentra-se nesta busca em discernir os percursos da religiosidade contemporânea capaz de multiplicar práticas e experiências do sagrado por meio de articulações plurais com o propósito de eliminar possíveis inseguranças, incertezas e dúvidas.

3 | CONTINUIDADES, TRANSFORMAÇÕES, NOVAS PERSPECTIVAS

A religião sempre assumiu um caráter efetivo de legitimação social. Uma forma eficaz para compreender a realidade a partir de suas perspectivas históricas, culturais, econômicas e sociais, consolidadas pelas sociedades empíricas (BERGER, 2003, p. 45). Nas palavras de Pierre Bourdieu (1998, p. 52), em uma sociedade dividida em classes, a estrutura dos sistemas de representações e práticas religiosas contribuiria para a perpetuação e reprodução da ordem social ao consagrá-la, sancioná-la e santificá-la. A religião assumiria a função de mantenedora da ordem social com suas práticas, sistemas simbólicos e crenças, em harmonia com a realidade objetiva socialmente construída e de acordo com os sistemas vigentes.

A secularização ocasionou que a religião fosse perdendo este seu caráter coletivo, na medida em que foram sendo descortinados elementos em direção a um pluralismo em que diferentes grupos religiosos são tolerados pelo Estado numa exacerbada competição uns com os outros (BERGER, 2003, p. 146). Já não prospera o poder incisivo de algumas matrizes religiosas em impor suas práticas, liturgias e sistemas simbólicos.

Com o fim de alguns monopólios ligados a tradições religiosas históricas, a submissão imposta já não possui mais um caráter tão incisivo, moral e nem dogmático. A religião enquanto escolha individual supõe a afinidade com diversas práticas, não necessariamente, por uma proximidade teológica, mas muito mais por uma sintonia decorrente de objetivos centrados nas premissas norteadoras da modernidade neoliberal.

A função da religião é fazer-nos agir, é auxiliar-nos a viver. O fiel que se comunicou com Deus não é apenas um homem que vê novas verdades que o descrente ignora; ele é um homem que pode mais. Ele sente em si mais força seja para suportar as dificuldades da existência, seja para vencê-las. Ele está como que elevado acima de sua condição de homem. Acredita ser salvo do mal sob qualquer forma. O primeiro artigo de toda a fé é a crença na salvação pela fé (DURKHEIM, 1996, p. 30).

A secularização configurou uma situação de mercado onde as instituições religiosas atuam como agências dispostas a suprir determinadas demandas vivenciadas pelo indivíduo. As diferentes tradições religiosas engendram e realizam atividades dominadas pela lógica da economia de mercado (BERGER, 2003, p. 150). Como decorrência, é primordial uma maior organização, onde as diversas ofertas religiosas se institucionalizam nos moldes de uma burocracia concretizada a partir de um aparato pessoal especializado e de bens religiosos condizentes com as expectativas dos seus adeptos.

A religião vista de acordo com a perspectiva esboçada por Peter Berger (2003) e Pierre Bourdieu (1998), estaria, pois, envolta em profunda crise de credibilidade proveniente de sua própria condição de mercadoria resultante do processo de secularização. A secularização, intimamente ligada aos princípios gerais das teorias da modernização, estaria sugerindo que com a industrialização, urbanização, racionalização e pluralismo religioso, o sentido de uma religiosidade intrínseca à condição humana poderia estar em franco declínio.

É preciso salientar que mesmo com todas as ambiguidades decorrentes dos processos modernizadores balizados pelos dilemas inerentes a secularização, parece adequado apontar para um entendimento que realce o propósito de que há um novo paradigma que vai sendo moldado e confirmado pela existência de uma economia de bens religiosos, assim como a economia de bens econômicos.

A religião para muitos hoje [...] não é mais herdada [...], mas algo a ser buscado, a ser conquistado. A querela dos espíritos parece ser a linguagem privilegiada para se falar desta busca numa sociedade pluralista, sincrética e sujeita a profundas transformações sociais, políticas e econômicas (CARVALHO, 1999, p. 18).

Ao confirmar a afinidade entre a religião e a economia neoliberal a partir dos novos movimentos eclesiais que vão surgindo, não há porque preconizar o fim da religião ou até mesmo o seu declínio. Cabe observar e compreender os possíveis desdobramentos e interações advindos desse novo paradigma em um ambiente religioso pouco afeito a qualquer intervenção estatal, desregulado, pluralista e com crescente competição entre as diferentes propostas salvacionistas.

A novidade da religião moderna não é o sincretismo – pois crenças de diferentes procedências sempre se misturam –, mas o caráter sincrético das identidades religiosas, a convivência de múltiplas pertencas. A destradicionalização generalizada das sociedades contemporâneas se expressa na crise das instituições religiosas e na liberdade do sujeito em relação aos complexos sistemas de construção das identidades tradicionais. O mal-estar das instituições pela fluidez e instabilidade de seus adeptos não significa um mal-estar do sujeito religioso moderno. Pelo contrário, a liberdade de escolha religiosa lhe é bem mais cômoda (BARREIRA, 2003, p. 462).

As manifestações do sagrado para o ser humano da contemporaneidade se apresentam numa perspectiva variada e, por vezes, contraditória. Quando se estudam os fenômenos inerentes à religiosidade através da experiência humana nunca será possível alcançar explicações unívocas. Pode-se falar de santidade e pecado, de salvação e condenação, de dimensões invisíveis e estruturas misteriosas ou intangíveis de acordo com a dimensão racional. O sagrado se apresenta como princípio essencial da vida; a força que o indivíduo busca desde os tempos mais remotos e que, ainda hoje, representa uma premissa de conforto, amparo, cuidado que aproxima diante do inusitado que, por vezes, amedronta e desestabiliza.

Os conteúdos de fé outrora objetivados, dados como revelados e transmitidos pela tradição, são atualmente triados, selecionados, avaliados e, depois transformados pelas consciências individuais segundo sua autenticidade percebida e experimentada. A religião não se apresenta mais como um quadro geral de autoridade, regulado por um aparelho que distribui o verdadeiro, o justo e o proibido; ela é primeiramente e sobre tudo um dispositivo de crenças e de práticas que as pessoas devem “sentir” em suas próprias vidas (BOBINEAU; TANK-STORPER, 2011, 104).

As emoções do indivíduo na atualidade parecem confusas, multifacetadas e até ambíguas. Afinal de contas como portar-se diante de um mesmo Deus que abençoa e amaldiçoa, que salva e que lança no inferno, que perdoa e que assombra a consciência humana com as dores de alguma culpa? Propugnava-se que estes fantasmas já haviam sido deixados para trás pelo ser humano da modernidade mais

afeito às experiências seculares, capaz de desenvolver formas de organização e controle social para muito além da religião no seu sentido moralizante, dogmático e confessional.

Muitos dos velhos deuses sobem de seus túmulos: eles foram 'desencantados' e por isto tomam a forma de forças impessoais. Eles lutam por ganhar poder sobre nossas vidas e de novo reiniciam a sua luta eterna uns com os outros (ALVES, 1988, p. 55).

O que a secularização conseguiu trazer à tona não foi uma aniquilação dos princípios teológicos moralizantes, mas uma nova “roupagem” destas questões. Continuamos convivendo com referências dogmáticas que seguem assombrando os indivíduos que vão recorrendo ao exorcismo, a “limpeza espiritual”, ao afastamento do mal personificado em objetos e palavras. O mundo moderno foi globalmente tomado pelo novo tempo que a sociedade tecnológica e burocrática criou. O caos parece ter invadido setores da civilização.

Nascemos num mundo iluminado por certezas transcendentais e valores absolutos. Nossas esperanças eram inabaláveis. Nosso mundo era um cosmo cuja significação lhe era dada pela visão da Jerusalém Celeste. Deus estava nos céus. Tudo estaria bem na terra. Mas nossos deuses morreram. Ou, se não morreram, ficaram mudos e silenciosos. Foram, como nós, exilados. E em seu lugar surgiram os heróis. A política se transformou em religião. Através dela aquilo que na religião aparecia apenas como gemido e aspiração seria realizado de forma concreta (ALVES, 1988, p. 17).

O sagrado representa, nesse contexto, uma busca de pontos de referência, de novos horizontes que permitam encontrar sentido em meio a dilemas da tecnocracia. É uma tentativa de organizar os fragmentos de algo que já não pode mais ser adequadamente estruturado. Não se trata em primeiro plano da revitalização das velhas religiões, mas muito mais da emergência de novas formas de prática religiosa, com novos entendimentos acerca de Deus.

O ser humano observa e compreende a realidade a partir de certos valores, promessas e realizações. Esta atitude implica uma linguagem, símbolos e comportamentos. A vida cotidiana é a afirmação daquilo que os indivíduos experimentam, desejam e idealizam, levando em conta aspectos de suas individualidades, sentimentos, aspirações. É através das vivências que ocorre a possibilidade da percepção humana na individualidade e, ao mesmo tempo, em sua essência social.

Vive-se a dialética entre o objetivo e o subjetivo forjado nas interações e experiências da sociabilidade religiosa. As religiosidades contemporâneas desafiam para articulações que dissolvem antigas alianças, criam novas relações, transformando o pragmatismo do mercado em instrumento capaz de incidir de forma

direta nas demandas do cotidiano. Este contexto, por sua vez, implica em novas relações de solidariedade, reciprocidade e partilha.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cenários da religiosidade contemporânea são consolidados por processos religiosos de identidade que afirmam a autonomia dos sujeitos e a aceleração das mudanças sociais e culturais, onde as instituições religiosas não conseguem mais oferecer um código tão unificado de sentidos, nem reivindicar autoridade sobre determinadas prerrogativas dogmáticas. A bricolagem ganha contornos conforme o meio cultural, as classes sociais e as disposições internas dos indivíduos. Percebe-se que, “os crentes modernos reivindicam seu direito de bricolar, e, ao mesmo tempo, o de escolher sua crença” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 64) sendo forçados, por isso, a “[...] produzir por si mesmos a relação com a linhagem da crença na qual eles se reconhecem” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 65).

O que se tem, então, é o fato de que em vez de falar em identidades religiosas fixas e absorvidas por herança e tradição, afirmam-se sempre mais as trajetórias individuais de identificação e os processos religiosos de identidade protagonizados em nível dos sujeitos individuais. O paradoxo que fundamenta a sociedade contemporânea e que explica a sua permanente crise, diz respeito ao fato de que a modernidade cria uma nova perspectiva para a religião enquanto sistema de significados, mas cria, ao mesmo tempo, uma utopia que alude ao cumprimento das expectativas que a modernidade sempre suscita, mas que nunca consegue alcançar em sua plenitude. A realização ilimitada do indivíduo, as prerrogativas para uma consciência ética, a satisfação de suas necessidades.

A contemporaneidade através de seus sujeitos imersos em incertezas, desconfortos e angústias, estabelece estruturas de plausibilidade perpassadas por ambivalências, por linguagens que buscam traduzir realidades e pelos processos de assimilação de uma pretensa “ordem”. No entanto, a dificuldade de alcançar esta “ordem” segura, plena, ideal, sempre subjugada pela experiência do conforto diante das vicissitudes, amplia carências e reafirma um cenário no qual o absoluto cede lugar ao diverso e ao polissêmico.

Não se trata aqui de valores alinhados apenas com uma determinada compreensão teológica orientada por elementos transcendentais, mas por uma perspectiva que se adapta assimilando de forma versátil as prerrogativas de uma sociedade marcada pela dimensão do mercado. Não se resume em construir mecanismos de compensação simbólica, mas, ampliar delimitações valorativas para promover a inserção do indivíduo na sociedade de modo que este usufrua dos bens tangíveis que nela são produzidos.

Há que se referir que esta impossibilidade da constituir um horizonte pleno de realização das aspirações humanas e sociais sugere uma busca pela transcendência enquanto horizonte último de sentido. Os processos religiosos de identidade e as religiões ancoram um sentido de existência e de mundo, fazendo uma integração do transcendente com o real, ordenando e dando significação à vida cotidiana.

Todavia, não deixam de ser muito oportunas, no contexto desta abordagem, as palavras do geógrafo britânico, David Harvey (2001, p. 272), ao alertar que o grande desafio continua sendo compreender os sinais que se fazem presentes nas relações sociais contemporâneas a fim de discernir os sentidos que ali se produzem. “Se ninguém ‘conhece o seu lugar’ nesse mutante mundo-colagem, como seria possível elaborar e sustentar uma ordem social segura?”

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O Enigma da Religião**. Campinas: Papirus, 1988.

BHABHA, Homi k. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

BARREIRA, Dario Paulo Rivera. Fragmentação do sagrado e crise das tradições na pós-modernidade. In: TRASFERETTI, José (Org.). **Teologia na Pós-modernidade**. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 437-464.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2003.

BOBINEAU, Olivier; TANK-STORPER, Sebastien. **Sociologia das Religiões**. São Paulo: Loyola, 2011.

CARVALHO, José Jorge. **Um Espaço Público Encantado**. Pluralidade Religiosa e Modernidade no Brasil. Brasília: UNB, 1999.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

CONNOR, Steven. **Cultura pós-moderna**. Introdução às teorias do contemporâneo. São Paulo: Loyola, 1996.

CUPITT, Don. **Depois de Deus: O futuro da religião**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DUFOUR, Dany-Robert. **O Divino Mercado: A Revolução Cultural Liberal**. Companhia de Freud: Rio de Janeiro, 2008.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1996.

EAGLETON, Terry. **A Morte de Deus na Cultura**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

FEATHERSTONE, Mike. (Org.). **Cultura Global**. Nacionalismo, Globalização e Modernidade. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOLLMANN, José Ivo. Processos de identidade versus processos de alienação: algumas

interrogações. **Revista Identidades!** São Leopoldo: EST, Vol. 17, n.1. 2012, p.83-89.

GEERTZ, Clifford. O futuro das religiões. **Folha de São Paulo**, Caderno Mais. Maio de 2006.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 2001.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. **O peregrino e o convertido** – a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. São Paulo: Manole, 2005.

LUCKMANN, Thomas. **A Religião Invisível**. São Paulo: Loyola, 2014.

MOREIRA, Alberto da Silva. O Deslocamento do Religioso na Sociedade Contemporânea. **Estudos de Religião**, São Paulo, Ano XXII, n. 34. 2008. p. 70-83.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. **A realidade social das religiões no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. Reencantamento e dessecularização: a propósito do autoengano em sociologia da religião. **Novos Estudos CEBRAP**. N. 49. São Paulo. 1997, p. 99-117.

STEIL, Carlos Alberto. Oferta simbólica e mercado religioso na sociedade global. In: MOREIRA, A. S.; DIAS, I. (Org.). **O futuro da religião na sociedade global**: uma perspectiva multicultural. São Paulo: Paulinas, 2008.

TOURAINE, Alain; KHOSROKHAVAR, Farhad. **A busca de si**: diálogo sobre o sujeito. Rio de Janeiro: Difel, 2004.

VELHO, Otávio. **Projeto e Metamorfose**: Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Edição Revisada. São Paulo: Martin Claret, 2005.

WESTPHAL, Vera. H. A Individualização em Ulrich Beck: análise da sociedade contemporânea. **Emancipação**, Ponta Grossa, 10 (2). 2010, p. 419-433.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Marcelo Máximo Purificação - Pós-doutor em Educação pela Universidade de Coimbra, Portugal. Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás -2014). Doutorando em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES 2017). Mestrado Profissional em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela Escola Superior de Teologia - EST/UFRGS e Mestre em Ciências Educacionais pela UEP. A nível de graduação, possui formação multidisciplinar (licenciatura e bacharelado) cursados no período (1993-2011), sendo: Licenciatura Plena em Matemática (UEG), Licenciatura em Pedagogia (ICSH/UFG), Licenciatura em Filosofia (FBB/UNIT) e Bacharelado em Teologia (FATEBOV). Professor Titular C-I (Estatutário) da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior FIMES/UNIFIMES, lotado na Unidade Básica das Humanidades. Professor P-IV da Secretaria Estadual de Educação de Goiás SEDUCE/GO. Professor Permanente no Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Linha de Pesquisa: Novas de Subjetivação e Organização Comunitária. [Sem vínculo empregatício]. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu - Mestrado em Educação) da Faculdade de Inhumas – FACMAIS - Linha de Pesquisa: Educação, Instituições e Políticas Educacionais. Professor Coorientador nos Programas de Pós-Graduação em Ensino (PPGEns) e Ciências Exatas (PPGECE) da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES. Coordenador do Grupo de Pesquisa (NEPEM/UNIFIMES); Editor adjunto da Revista Educação, Psicologia e Interfaces da UFMS. Atualmente pesquisa e escreve sobre os seguintes temas: ensino; formação de professores; currículo; processos educativos; violência escolar; e filosofia e seus eixos temáticos. E-mail: maximo@unifimes.edu.br

Elisângela Maura Catarino - Pós-doutora em Educação Especial pela Escola Superior de Educação de Coimbra – ESEC/Pt. Doutora em Ciências da Religião pela PUC-Goiás. Mestra em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela EST/UFRGS. Graduada em Letras pela UEG e em Filosofia pelo ICSH. Professora efetiva da Secretaria Estadual de Educação de Goiás e Professora Titular da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior (FIMES). Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudo Pesquisa Multidisciplinar (NEPEM) Colíder do Grupo de Estudos... da UFMS. Atualmente estuda e pesquisa sobre a Educação Especial e Formação do Leitor. E-mail: maura@unifimes.edu.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Animismo 1, 2, 3

Aspecto religioso 71, 72, 75, 76

C

Cristologia 22, 30, 31, 33, 44, 45, 46, 47, 48, 51, 136

Cura 3, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 163, 165, 172, 176, 179

D

Diferenças 23, 107, 110, 114, 120, 137, 138, 139, 140, 141, 146, 152, 170

E

Ecumenismo 77, 93, 94, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105

Educação ambiental 131, 133, 134, 136

Escuta 10, 38, 39, 40, 41, 42, 116, 163

Espiritismo 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 106, 116

G

Gamificação 118, 128, 129

Globalização 61, 62, 63, 64, 69, 77, 112, 113, 192

H

HIV 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

I

Inteligência senciente 7, 8, 9, 10, 17

L

Laudato si' 1, 2, 3, 4, 5, 6, 135, 136

Liturgia 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 38, 39, 40, 41, 42, 43

M

Maçonaria 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Mulher 136, 153, 158, 159, 160, 161, 163, 165

N

Natureza 2, 3, 4, 5, 18, 22, 28, 57, 59, 77, 83, 96, 98, 99, 100, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 155, 157

Nilismo 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

P

Palavra de Deus 18, 19, 22, 38, 39, 40, 41, 42

Pluralismo religioso 82, 93, 96, 188

Povo crucificado 44, 46, 47, 48, 50

Profeta fronteiroço 61, 65, 67

R

Reconhecimento 37, 47, 67, 100, 110, 112, 113, 123, 137, 139, 140, 144, 150

Relacionamento 101, 102, 106, 108, 109, 110, 115, 161

Religião 1, 2, 6, 52, 53, 55, 56, 58, 59, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 85, 87, 91, 93, 111, 112, 116, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 130, 131, 163, 167, 168, 172, 174, 175, 176, 177, 179, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194

Religiosidade 2, 3, 4, 72, 77, 117, 153, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191

Romanização 79, 80, 85, 86, 90

S

Silêncio 38, 39, 40, 41, 42

Sustentabilidade 131, 132, 133, 134, 135, 136

T

Teologia da libertação 44, 50

V

Valores 32, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 67, 68, 69, 80, 85, 88, 108, 109, 112, 113, 114, 138, 146, 150, 184, 186, 190, 191

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-845-8



9 788572 478458